



NOTÍCIAS DO BRASIL

Numa agradável entrevista, o jornalista da RAI e professor de italiano Stefano Barbi Cinti conta um pouco da sua vida na América do Sul, comenta o mito do “Brasil dos Sonhos” e fala de sua identidade ítalo-baiana.

di Ricardo Sangiovanni



Por trás das notícias que chegam do Brasil para o telejornal 1, da RAI, se esconde uma bela história de vida. Em Entrevista ao FARONOTIZIE.IT, o jornalista italiano Stefano Barbi Cinti conta um pouco do seu trajeto. Formado em medicina na Itália desde quando completara 24 anos, e então com um promissor futuro pela frente, Stefano mesmo assim não se encontrava feliz ali. “A medicina não era aquilo que eu tinha sonhado. Muitas doenças para transformar em dinheiro e pouca saúde pra dar”.

Aos 28 anos, casado e muito comprometido com o trabalho perto da sua cidade natal – a eterna Roma – Stefano decide abandonar a profissão e ir-se embora. Trabalhar com medicina lhe estava roubando a saúde. O ano era 1978 e ele, junto com sua mulher – uma brasileira – veio para o Brasil. O objetivo: recomeçar a vida.

Ainda havia tempo. No Brasil, morando sempre em Salvador, Stefano tem hoje 56 anos. Aqui se casou uma segunda vez, com uma outra brasileira. Teve e viu crescer seus 3 filhos, hoje com 27,21 e 17 anos. Também se tornou jornalista e professor de italiano – fundou e ainda dirige a Associação Itália Amica, a escola de italiano mais famosa de Salvador -, além de craque do vôlei de praia. Leitor de romances e apaixonado pelas ‘coisas belas’ do cinema, prazer e trabalho parecem andar lado a lado para Stefano.” Adoro sair por aí convencendo as pessoas a contar suas histórias, escrevendo-as, transformando-as em vídeos, em filmes”.

Desta vez fomos nós que o convencemos a contar a sua. Aí vai ela, nesta agradável entrevista.

FARONOTIZIE.it – Como você teve a idéia de vir morar no Brasil? Qual era a sua relação com o Brasil antes de vir morar aqui?

Stefano Barbi Cinti – Minha mulher era italiana e então escolhi o Brasil para recomeçar. Dedicamos a começar por Salvador, onde sempre passávamos as férias de verão. Vim para cá com um violão, uma máquina fotográfica e um caderninho de anotações. Trouxe também um pouco de dinheiro, é verdade, que trouxemos para



Stefano Barbi Cinti

evitar ter que arranjar trabalho logo de cara.

Já no Brasil, depois do Carnaval acabei ficando doente. Hepatite viral. Muitos dias na cama. Me colocaram uma TV no quarto, mas não suportava! Não conseguia encontrar um livro que me interessasse. Comecei a escrever. Escrevi um romance, crente que tinha nas mãos uma publicação, mas não tive sorte, ou melhor, talvez não tenha tido competência para chegar a ter sorte. Quando, anos depois, o levei à Itália à procura de uma editora, recebi algumas páginas de tímidos elogios e muitas, muitas páginas de motivos que desaconselhavam a publicação.

Na realidade, não é que tivesse muitas esperanças... no entanto, aquele mês de intensa atividade “literária” me foi utilíssimo para entender que eu gostava era daquilo. Até as andanças inúteis em busca de um editor me serviram para conhecer gente. Comigo carregava alguns textos que tinha escrito no caderninho de anotações sobre um país praticamente desconhecido, pátria de Pelé, do fantástico Santos, e de tantas fantasias culamericanas que vinham à luz através dos personagens de Gabo Marquez, Jorge Amado, dos versos de Pablo Neruda, dos mitos do Che...

E assim eu comecei a escrever para a página literária do Messagero, depois para alguns semanários. Não ganhava quase nada, mas me divertia pra caramba! Depois a máquina fotográfica se transformou em super8, mais tarde em 16 milímetros, depois em vídeo. Milhares de quilômetros de estrada e de metros de película no Brasil, Venezuela, Colômbia... Assim começava minha nova vida e assim continua...

F – Quais são as principais diferenças, para você, entre o Brasil que encontrou quando chegou e o Brasil de hoje?

SB – Aquele era o Brasil dos sonhos, belíssimo, maravilhoso, colorido, hoje vivo aqui e portanto é o Brasil da realidade, sempre bem mais triste, frequentemente irritante. Irritante e perturbadora é sobretudo a disparidade entre o que poderia ser e o que é. O Brasil parece sempre nada vigorosamente mas nunca sai do lugar. Escravo como é dos privilégios que distribuiu e continua a distribuir aos já privilegiados. Atingir privilégios é sempre difícil, mas aqui parece verdadeiramente impossível. Aqui não se vence para alcançar privilégios, mas se vence por assumir privilégios.

F – E para já, quais são seus projetos de trabalho?

SB – Nunca faço grandes projetos, trabalho um dia de cada vez. Às seis da manhã começa o projeto. Às dez da noite termina. Então, às seis, começo a montar uma oficina (índios Truká, do Rio São Francisco, contra a transposição), depois devo preparar uma aula (a preparo sempre, mesmo quando é a primeira aula do primeiro semestre. A vejo sempre como um filme. Penso quando os alunos se cansarão. Stop. Mudo. Outra coisa e vamos embora), mais tarde vou caminhar e correr na praia. Depois quem sabe uma olhada na internet para procurar idéias, para renovar as atividades dos vários semestres. À tarde vou terminar de filmar uma oficina na Liberdade (bairro de

Salvador). Depois uma reunião em Cajazeiras (outro bairro), não sei que número... (se refere a aqui a um projeto seu, de realização de oficinas de vídeo com comunidades da periferia de Salvador). Se ligam da RAI, depois, tenho que parar tudo e correr atrás, até acabar a matéria e mandar via satélite!

F – Você também é professor de italiano. O que é e como funciona a Associação Italia Amica? O Estado Italiano dá algum tipo de ajuda?

SB – A Italia Amica é também um pequeno sonho. O que é? ‘Boh’! Certamente é uma escola de italiano onde se faz de tudo para fazer com que as pessoas aprendam a comunicar-se o mais rápido possível. Estamos convencidos de que o centro e motor de tudo é o estudante. O professor deve somente (!!!) colocar a gasolina, motivação. Mas o ‘carro’ deve andar sozinho. Procuramos usar o máximo de materiais autênticos (filmes, canções, sites, livros, revistas, telejornais etc.) possível e transformá-los didaticamente para estimular uma pesquisa autônoma na biblioteca ou fora da escola, nos sites italianos por aí. O percurso do aprendizado nós só queremos delinear – os alunos o completarão se nós conseguirmos estimulá-los. Seguramente é um programa ambicioso e de certo modo perigoso. Mas foi, me parece, um baiano a dizer “Tudo é perigoso, tudo é divino maravilhoso”, ou não foi? Sei que muitos o consideram um pouco velho, mas eu também sou e com um certo orgulho disso. (Stefano se refere ao cantor e compositor Belchior, nascido no Ceará.)

Enfim, damos aulas de italiano aos descendentes de italianos (e recebemos uma contribuição por isso do Ministério das Relações Exteriores) e aos não descendentes também. A contribuição ultimamente diminuiu muito e isso criou sérios problemas para a escola, que teve que redimensionar ao máximo objetivos e potencialidades.

F – É comum ouvir dizer que o italiano é uma “língua morta”, pelo fato de não ser falado em muitos lugares fora da Itália. O que se pode dizer para encorajar alguém a aprender o italiano?

SB – Morta eu não diria, senão, que estaríamos fazendo lá? Pouco usada sim, é verdade. Mas isto é também uma vantagem. Se poucos conhecem, isso se torna uma vantagem para quem conhece, não é?

Depois, ajuda muito em algumas atividades em que o italiano é a língua principal: por exemplo, além do turismo (*mamma mia*, quanto italiano!), arte, arquitetura, moda, design, esporte, direito etc.

E tem mais: estudar uma língua é um ótimo ativador e regenerador cerebral: é como ir para a academia para o físico. Além de tudo, o contato com outros estudantes de várias idades e as atividades de grupo que procuramos sempre incentivar ajudam a melhorar as interações sociais e são um excelente equilibrador psíquico. Quantos alunos nossos freqüentemente nos dizem que uma aula nossa é melhor que uma sessão de psicanálise!

F – Uma pessoa, quando vive ‘fora de casa’, seja por pouco, seja por muito tempo, como você, sempre absorve alguma coisa da cidade e do país onde vive. Você se sente mais brasileriso – talvez fosse melhor dizer baiano – depois de tantos anos aqui? O que fazer para não perder a ligação com a Itália?

SB – Descobri que sou um ano mais baiano que romano (29 a 28). Mas eu comecei a me tornar um pouco baiano desde que cheguei. Não vivo nunca de nostalgia. A minha nostalgia é sempre no futuro. E o meu futuro de então era bem claramente brasileiro. Em um “carro” romano, entretanto, é claro. Sou muito brasileiro, e admiro o meu ser brasileiro, mas para os outros continuo a ser sempre muito (às vezes demais!) italiano. Mas... é a vida!

Mas o “carro”, como te dizia, é italiano e não se esquece. Modos de rir, de chorar, de escrever notícias, de ironizar, de gritar, de caminhar, de cantar. Além do mais, hoje não perder o contato é muito mais fácil que há alguns anos atrás... basta um dedo, não é?

E depois, não dá pra perder, senão como faço para trabalhar: tudo ou quase tudo que faço tem ligações, além de com o Brasil, com a Itália, portanto é um *must* do meu trabalho. E também, eu vim para cá aos 28 anos de idade, não aos 2 !

Photo by Edoardo Sarno, Carla Sangiovanni